

## **ADEPTOS DO CANDOMBLÉ E SUA REPRESENTAÇÃO SOCIAL INTERGRUPAL**

Kueyla Andrade Bitencourt – Faculdade Juvêncio Terra (orientador) [kueyla@yahoo.com.br](mailto:kueyla@yahoo.com.br)

Geralda Alves Faria – FJT [gerinha12@hotmail.com](mailto:gerinha12@hotmail.com)

Patrícia Rosângela Pereira da Costa – FJT [patriciapdacosta@gmail.com](mailto:patriciapdacosta@gmail.com)

Rita de Cássia Santos – FJT [ritath@ibest.com](mailto:ritath@ibest.com)

Ustana Rangel Rodrigues – FJT [ustanarangel@hotmail.com](mailto:ustanarangel@hotmail.com)

Vanessa Rocha Lima – FJT [vana-mt@hotmail.com](mailto:vana-mt@hotmail.com)

### **Resumo**

Este estudo foi realizado em um terreiro de candomblé, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, cujo grupo é composto por pessoas de classes sociais, formações culturais, idades e níveis escolares distintos. Trata-se de uma religião de matriz africana, que tem como objetivo o culto às forças da natureza, chamadas orixás. Inicialmente motivado por curiosidade quanto ao grupo escolhido, e por percebê-lo estigmatizado e vítima de preconceitos, este trabalho busca conhecer a Representação Social que os adeptos têm de si mesmos enquanto membros de determinado grupo. Primeiro foram feitas algumas visitas de observação ao terreiro, assim como aos frequentadores do local, e, posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo com 10 adeptos, que responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturado sobre o significado da pertença ao grupo, as suas opiniões sobre as outras religiões e como acham que elas os vêem, a relação com as mesmas, se participariam de outra religião, entre outras. Os dados coletados foram sistematizados e analisados, verificando-se que: a) a religião proporciona a transformação na vida dos adeptos através da boa convivência, da fé e amor aos orixás, da intimidade, respeito e união entre os membros; b) Estes elementos transformadores baseiam-se na valorização e na predominância de valores familiares e busca de objetivos comuns e c) um alto grau de satisfação em relação à religião que praticam.

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação social que adeptos de um terreiro de Candomblé em Vitória da Conquista (BA) têm em relação a eles mesmos e ao que as outras pessoas pensam sobre eles.

**Palavras-chave:** Representação Social, religião, candomblé.

### **1. Introdução**

Inicialmente motivado por uma curiosidade quanto ao grupo escolhido, bem como, por percebê-lo vítima de preconceitos e estigmatizado por uma sociedade de maioria dita cristã, buscou-se, através da Teoria das Representações Sociais, interpretar e entender a Representação Social que os adeptos de tal grupo têm de si mesmos enquanto grupo.

Neste trabalho, torna-se necessário abordar, de forma sucinta, dois temas de fundamental importância para a compreensão do mesmo: Representações Sociais e Candomblé.

Entende-se por Representações Sociais os saberes partilhados nas relações interpessoais, as quais possuem ferramentas que ajudam a interpretar os fenômenos sociais, a relação sujeito/objeto, a classificação, estruturação e resignificação dos mesmos, bem como, torna

possível a criação de uma imagem mental daquilo que, cognitivamente não era possível visualizar.

O candomblé é uma religião de origem africana, trazida para o Brasil no período da escravidão que cultuam as divindades da natureza, denominadas orixás. Existem várias nações e, cada uma com características próprias o que tornam os grupos diferenciados entre si. Religião que vem sendo cada vez mais assumida por seus adeptos e, motivo de orgulho para a maioria dos afrodescendentes do país.

Como cenário desse estudo elegemos o Terreiro de Candomblé Casa “*Ilê Axé Iê Iê Obtipum*”- Templo orixá dedicado a Oxum, sito à Vila Serrana I – Vitória da Conquista – BA, tendo como responsável o “Pai” Ruddy Aquino. O grupo é formado por aproximadamente 40 adeptos das mais diferentes classes sociais, formações culturais, idade e nível escolar (historiadores, enfermeiros, empregadas domésticas, motoristas, etc). Um grupo heterogêneo que tem por objetivo a prática de ritual para invocar os Orixás, em busca do equilíbrio do indivíduo. Não há ligação com outras instituições públicas ou privadas, tendo como única fonte de renda as contribuições voluntárias dos participantes do grupo. Ruddy Aquino tem ligação com outro Pai de Santo do Rio de Janeiro, porém, segue a religião de forma livre, ou seja, segue orientações de seu Pai de santo, mas faz adaptações segundo suas próprias necessidades, bem como as de seus adeptos.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1. Representação Social

Entende-se por Representações Sociais (RS) todo conhecimento que é partilhado socialmente ao nível do senso comum com a finalidade de fazer os grupos sociais interpretarem e entenderem a realidade (OLIVEIRA – WERBA *In* JACQUES, 2003, p. 104).

Tendo sua origem na Sociologia e Antropologia, foi *a priori* chamada de Representação Coletiva. Alguns teóricos contribuíram, com suas respectivas teorias, para a criação da Teoria das Representações Sociais, tais como Saussure (teoria da linguagem), Piaget (teorias das representações infantis) e Vygotsky (teoria do desenvolvimento cultural).

Moscovici foi o primeiro a referir-se sobre tal conceito em seu estudo sobre a Representação Social da psicanálise. Segundo ele:

[...] por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (OLIVEIRA – WERBA *in* JACQUES, 2003, p. 106)

A teoria das RS ajuda a tornar familiar (conhecido) o não familiar (desconhecido), através de várias dimensões que se constituem parte desta teoria. São elas: Natureza Convencional - processo pelo qual os sujeitos convencionalizam os objetos, colocando-os em convenções já estabelecidas; Natureza Prescritiva - força que nos impõe estruturas preestabelecidas, as quais são reforçadas pela cultura e tradição, forçando-nos a re-criar, re-apresentar, re-passar as representações existentes antes de nosso nascimento; Universo Consensual - apresenta-se como um grupo social onde não há hierarquia, ou seja, onde todos são capazes e merecedores do poder de representar seu grupo, todos têm o mesmo nível de influência; Universo Reificado - apresenta

estrutura irregular, hierarquia, onde um sujeito obterá méritos para falar em nome do grupo; Ancoragem - processo pelo qual o sujeito classifica, categoriza, situa o não familiar, o estranho dentro do que já se é familiar e Objetivação - processo onde o sujeito cria uma imagem mental para o não familiar, torna-o visível, concreto, dando, assim, suporte para a manifestação do comportamento.

Por fim, a Representação Social tem por objetivo último proporcionar novas formas de olhar, entender e interpretar os fenômenos sociais, ajudando na compreensão do porquê as pessoas fazem o que fazem.

## 2.2. O Candomblé

O povo africano, mais tarde conhecido pelo nome de iorubá<sup>1</sup>, acreditava que forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza. Tementes dos perigos da natureza que punham em risco constante a vida humana, perigos que eles não podiam controlar, esses antigos africanos ofereciam sacrifícios para aplacar a fúria dessas forças, doando sua própria comida como tributo que selava um pacto de submissão e proteção, sedimentando as relações de lealdade e filiação entre os homens e os espíritos da natureza.

Muitos desses espíritos da natureza passaram a ser cultuados como divindades, mais tarde designadas orixás, detentoras do poder de governar fenômenos do mundo natural, como o trovão, o raio e a fertilidade da terra, enquanto outros foram cultuados como guardiões de montanhas, cursos d'água, árvores e florestas.

De acordo com o Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros de Olga Cacciatore, os orixás são divindades intermediárias entre Olorum (o deus supremo) e os homens. Na África eram cerca de 600 - para o Brasil vieram talvez uns 50 que estão reduzidos a 16 no Candomblé.

Candomblé é uma religião monoteísta. Embora alguns defendam que cultuem vários deuses, o deus único para a Nação Ketu é Olorum, para a Nação Bantu é Zambi e para a Nação Jeje é Mawu. São nações independentes na prática diária e, em virtude do sincretismo existente no Brasil, a maioria dos participantes considera como sendo o mesmo Deus da Igreja Católica.

Como se sabe, a formação da sociedade brasileira, iniciada no século XVI, foi um processo de agrupamento, num vasto território a se conquistar, de elementos americanos (indígenas), europeus (os colonizadores portugueses) e africanos (escravos negros, trazidos principalmente da costa ocidental da África). (SODRÉ, 2005, p. 89-90)

No século XIX, as práticas culturais dos negros passaram a ser freqüentadas também por membros socialmente aceitos, o que permitiu uma diminuição progressiva da clandestinidade na Bahia.

O candomblé baseado no culto aos orixás (...) foi formado na Bahia, quando o tráfico trouxe do continente africano (...) escravos originários de várias cidades iorubas: Queto, Ijexá, Efã, entre outras. No Brasil, estas acabaram emprestando o nome aos terreiros de sua influência. Foram, sobretudo os candomblés da nação queto, cujos rituais e divindades serviram de exemplo aos demais cultos dos orixás, que predominaram na Bahia. (MATTOS, 2007, p. 161-162)

<sup>1</sup> Chamado de Nagô no Brasil – nome genérico de todos os grupos originários do sul e do centro do Daomé e do sudeste da Nigéria, portadores de uma tradição rica, derivada das culturas particulares dos diferentes reinos africanos de onde provieram. (SODRÉ, 2005)

A organização das religiões negras no Brasil deu-se bastante recentemente, no curso do século XIX. Uma vez que as últimas levas de africanos trazidos para o Novo Mundo durante o período final da escravidão (últimas décadas do século XIX) foram fixadas, sobretudo nas cidades e em ocupações urbanas. Os africanos desse período puderam viver no Brasil em maior contato uns com os outros, físico e socialmente, com maior mobilidade e, de certo modo, liberdade de movimentos, num processo de interação que não conheceram antes. Este fato propiciou condições sociais favoráveis para a sobrevivência de algumas religiões africanas, com a formação de grupos de culto organizados.

O candomblé brasileiro desenvolveu peculiaridades que o tornam uma forma religiosa verdadeiramente exclusiva em todo o mundo. Na África, o culto aos orixás não tem a maleabilidade que se pode notar no Brasil. As seitas são determinadas pelo culto a um determinado orixá, e o templo dedicado a essa divindade não terá outros orixás. Há regiões inteiras dedicadas ao culto de um único orixá. A presença de negros de diversas regiões em um mesmo engenho no Brasil foi o que permitiu a intersecção dos cultos de diversos orixás. Hoje, em qualquer terreiro, há filhos-de-santo de muitos orixás. De fato, o prestígio do terreiro aumenta pela quantidade e diversidade de orixás que têm filhos em um terreiro. Na África, qualquer pessoa nascida numa cidade ou aldeia dedicada a Oxossi, por exemplo, será considerada sempre filha de Oxossi. No Brasil não: o pai-de-santo jogará os búzios e, desse modo, determinará qual é o orixá que preside a vida da pessoa. (DO CARMO, 1987, p.27)

O candomblé, que até 20 ou 30 anos atrás era religião confinada sobretudo na Bahia, Pernambuco e alguns outros locais em que se formara, caracterizando-se ainda como uma religião exclusiva dos grupos negros descendentes de escravos, começou a mudar nos anos 1960. A partir de então passou a se espalhar por todos os lugares, oferecendo-se como religião também voltada para segmentos da população de origem não-africana. Assim o candomblé deixou de ser exclusivo do segmento negro, passando a ser uma religião para todos.

### 3. Metodologia

O estudo foi proposto ao responsável pela Casa “*Ilê axé iê iê Obtípum*”, o pai (de santo) Ruddy Aquino (Historiador e Professor), ao qual foi explicado que o objetivo do trabalho é pesquisar sobre a Representação Social entre alguns componentes deste grupo específico de Candomblé em Vitória da Conquista, especialmente a representação que cada um desses adeptos tem de si mesmo em relação ao grupo que freqüentam e à sociedade. Ruddy concedeu entrevista à equipe e colocou a si e seus “filhos” (adeptos) à disposição para o desenvolvimento do trabalho. Através do Pai de Santo, conseguiu-se entrar em contacto com 10 adeptos da casa para realização de entrevistas. Os entrevistados, ao serem contactados, se colocaram a disposição da equipe de forma solícita para a realização das entrevistas, as quais foram realizadas individualmente e através de roteiro semi-estruturado. A coleta de dados foi realizada de forma intencional por amostragem de 10 pessoas que, com a permissão dos entrevistados, foram gravadas e transcritas. O instrumental teórico utilizado no estudo sobre Representação Social foram os textos de Moscovici, Jodelet e Oliveira-Werba. No que diz respeito à história do Candomblé, utilizaram-se os textos de Mattos, Sodré, bem como a entrevista de Ruddy.

A equipe foi autorizada pelo Pai Ruddy, também a fotografar o ambiente e filmar algumas festas e eventos no barracão onde são realizados os rituais (limpeza, festas, iniciações, entre outros) e às quais a equipe foi convidada a participar. Os dados, obtidos através das entrevistas e visitas à referida casa, foram analisados e devidamente cruzados para obtenção do resultado.

#### 4. Resultado

Percebeu-se que as pessoas inseridas, ou seja, participantes do específico grupo de Candomblé, sentem que a religião transformou suas vidas, tornando-as realizadas. A religião tem um sentido positivo, é fonte de força espiritual, onde todos formam uma família partilhando a igualdade, respeito mútuo, boa convivência. A semelhança existente entre os “irmãos” (adeptos da casa) está na busca de um mesmo objetivo, através da convivência mútua. Esses adeptos têm um sentimento de que as pessoas fora do grupo têm olhar preconceituoso para com eles, ou seja, os vêem como “macumbeiros”, praticantes de “magia-negra”, “pessoas que praticam todo tipo de mal para os outros, mas se mostram extremamente passivos em relação a tais comentários, ou seja, convivem com várias pessoas das mais diversas religiões e alguns não se assumem perante eles, se calando e deixando-os continuarem com estas estigmatizações. Isto é percebido em algumas das falas das entrevistas realizadas como: “...trabalho em uma instituição educacional aqui em Vitória da Conquista onde todos são católicos e pensam que também sou católica e, não os desminto revelando a minha real religião que é o candomblé...”, tal relato confirma que sofrem preconceito quando assumem ser do candomblé.

Outro fato que esclarece o cuidado quanto a religião, foi que o Pai Ruddy não se apresenta solícito no primeiro contato com a equipe, somente até ser-lhe exposto o real objetivo da pesquisa. Seu comportamento é explicado, pois muitas são as pessoas que investigam a casa sem fins científicos, apenas por curiosidade. Contudo, os adeptos afirmam que o preconceito não os impedem de prosseguir na fé que professam e não os fazem alimentar o mesmo sentimento em relação a outros grupos ou religiões. O grau de satisfação em relação à escolha religiosa é alto, nenhum dos entrevistados deixaria o grupo, nem se destinaria a participar de outra religião. Os mesmos, através da orientação do babalorixá e do convívio com os irmãos, exercitam as virtudes da paciência, tolerância, amizade, união, comunhão fraterna, harmonia, solidariedade, companheirismo, ou seja, predominam entre eles aspectos familiares. Os motivos que sustentam a permanência de todos são a fé e o amor ao Orixá. Outros ressaltam que, neste grupo, não se sentem excluídos ou menosprezados por causa da opção sexual, classe econômica, cor da pele ou escolaridade, todos são iguais e compartilham diversas virtudes.

A equipe iniciou o trabalho com certo receio, em parte devido ao desconhecimento e em parte devido ao preconceito adquirido pela influência das religiões cristãs. Também o desconhecimento acerca da história agiu como barreira inicial, contribuindo com a formação da idéia de ser o candomblé uma religião politeísta, onde as pessoas permanecessem em transe constante, usassem dos conhecimentos adquiridos com os africanos para praticarem o “mal” através da “macumba”, com a intenção de, somente, prejudicar outras pessoas.

#### 5. Conclusão

Após estudos realizados que serviram de base para o referencial teórico deste artigo, para se montar a representação social do grupo, bem como, as visitas ao terreiro, foi possível não somente construir a representação social desejada, mas também ressignificar a representação social, do grupo pesquisador, que se tinha a princípio. Isto porque os estudos e as visitas possibilitaram a ancoragem, na qual se constata que o candomblé é uma religião monoteísta que cultua seu deus através da relação com as forças da natureza, os orixás. Não há interesse lucrativo com a casa, os adeptos sustentam-na com doações e prestação de serviços. Na época das festas, todos se reúnem na casa (pequena para a quantidade de adeptos), permanecendo ali por dias para

aprontarem os preparativos dos eventos. Tal permanência favorece maior intimidade entre eles, com isto sentirem-se verdadeiramente família, chegando a tratar o babalorixá de “pai” e uns aos outros de “irmãos”. É um grupo onde prevalece o respeito mútuo, a cordialidade, a tolerância. Todos são responsáveis por seus atos dentro e fora do grupo. Por fim, a representação social do grupo de candomblé Casa *Ilé Axé Iê Iê Obtipum* apresenta predominância de valores familiares.

## 6. Referências

- DO CARMO, João Clodomiro. **O que é Candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Primeiros Passos)
- JACQUES, Maria Graça Corrêa al. **Psicologia Social Contemporânea**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, s/d.
- MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. **Representação Social: investigações em Psicologia Social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **A Verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005. 3ª ed.